

NEGRO

Carlos Rosão

Escrever... É um sono mais profundo que a morte.
Franz Kafka – Carta a Felice Bauer, 26 de Junho de 1913

Numa noite profunda e límpida de Agosto, dois companheiros de idades bem diferentes, mas como que velhos amigos, estão sozinhos com os intemporais céus num descampado isolado.

- O que é aquilo avô? - pergunta a criança, com olhar curioso e vidrado devido à extrema felicidade que o local e a companhia lhe proporcionam, apontando para um objecto novo no céu.

- Mas que maravilhoso! Estamos a presenciar um acontecimento raro: a morte de uma estrela! - o avô com ar surpreendido responde, mas nunca deixando cair a sua face de professor.

- As estrelas morrem?! Sempre pensei que fossem eternas.

- Sim, elas morrem. Acontece o mesmo a todas as componentes da natureza, apenas a natureza como um todo permanece eternamente.

- Que estranho.

- Quando o combustível da estrela se esgota elas começam por se expandir aos poucos para, no momento em que atingem o auge do seu brilho, subitamente se contraírem e explodirem, originando um espectáculo de gases espalhados como aquele a que estamos a assistir. No final sobra apenas um buraco negro que suga tudo o que está à volta.

- Seremos nós como as estrelas?

Há quanto tempo vivo no mais profundo negro? É difícil de contabilizar, mas parece-me uma eternidade. Gosto de viver assim? Não sei, talvez; é algo complicado pensar na minha existência de outra forma, quer dizer, eu sei que já vivi de outra forma, mas é difícil rever as memórias desses tempos...

Vivo num canto escuro da cave do prédio *Prestige*, mesmo no centro da cidade. Tão perto de tudo, mas, tal como eu gosto, ao mesmo tempo tão longe.

Fui eu que escolhi a decoração e adaptei este espaço para ficar ainda mais do meu agrado. Existe uma janela com grades e sem vidros por onde entram os efeitos do clima, os sons e cheiros típicos da cidade. Luz? Não gosto dela, por isso existe um cobertor preto e velho a tapar a janela para essa invasora cruel não perturbar a minha existência. Também existem muitas teias de aranha espalhadas e pó, muito pó que sufoca tudo o que me rodeia.

É esta a minha casa. É-me familiar e acolhedora; mantemos uma relação cordial sem que eu lhe peça justificações nem que ela interfira nos meus assuntos.

Aquilo que me preenche verdadeiramente é a escrita, mas só consigo escrever sob determinadas condições, por isso grande parte do meu tempo é passado deitado no chão a dormir, tentando ganhar inspiração para a arte que me alimenta.

No entanto, por vezes, quando sinto aquela necessidade incontável tenho mesmo de sair e, para isso, uso a porta de metal pesada que fecha este quarto escuro e húmido e subo as escadas na direcção da superfície.

A necessidade está a despertar de novo. Não consigo resistir ao seu chamamento, por isso vou ter de sair, até já.

*

Ainda aí estás? Não sei como aguentas. Sim, sinto-me mais restabelecido. Queres saber o que fiz?! Não achas que estás a abusar da confiança? A única coisa que precisas de saber é que já voltei e realmente estou mais restabelecido e com nova inspiração para escrever. Vou prosseguir o meu livro inacabado. Onde escrevo? Comecei por usar papel de jornal, mas já se esgotou há algum tempo, daí agora escrever na parede utilizando uma navalha antiga que guardo. Na realidade não existe nenhum tema na minha escrita, apenas deixo que as ideias fluam directamente para a minha mão, tentando não ter a menor interferência entre a minha mente e a parede. Desta forma a parede revela o meu interior sem intermediários.

Acho que sempre escrevi. Sinto cá no fundo que é algo que faz parte de mim e talvez seja a única relação ainda existente entre hoje e os tempos passados.

Essa é uma pergunta pertinente... Não aproveito as minhas idas ao exterior para matar saudades de nada. Elas servem apenas para um único propósito, satisfazer uma necessidade. E, quanto às saudades, podes achar estranho, mas apenas sinto falta de uma única coisa: contemplar o céu nocturno e apreciar o brilho aparentemente eterno das estrelas. Uma visão que me marcou noutros tempos e ainda transporto hoje bem viva na minha mente.

Recomeço a escrever, com inspiração renascida; frases profundas emanam da minha mente e cravam-se na parede de cimento rugoso. Os traços saem sem esforço e com contornos perfeitos.

No entanto a inspiração abandona-me rapidamente e a febre da escrita esfuma-se por entre os golpes cada vez menos precisos da navalha, deixando-me de novo entediado e com sono. Durmo o desassossego e a tormenta que os meus sonhos me trazem até acordar algum tempo depois transpirado e esgotado. Tento gritar a minha dor, mas ela é tão profunda que recusa-se a sair...

Sim, estou bem. Ficas surpreendido que, depois de ter escrito, tenha ficado apagado durante umas horas. No entanto isto é algo normal para mim. Talvez se possa dizer que a escrita me preencha de uma forma tão completa que acaba por me deixar esgotado de todas as minhas faculdades.

Queres saber o que escrevi? O momento da escrita é tão especial, como que um estado de consciência alterada, que, após terminado, não me lembro daquilo que escrevi. Pode parecer estranho, mas fiz um acordo comigo próprio em como só irei ler a minha obra quando esta estiver terminada. Acredito que, mesmo sem ler, saberei quando o momento do seu término chegar e, nessa altura, poderei contemplar o meu trabalho como um todo...

A tua companhia não me desagrada, mas preciso mesmo de sair de novo. Há algo que chama por mim lá fora. Em breve voltarei.

*

Continuas aí? Admiro a tua persistência.

Essa é uma pergunta de resposta óbvia. Assim que voltei fui directo à parede para libertar toda a inspiração que obtive na superfície talhando com golpes rápidos o

cimento da parede. Sinto que o trabalho máximo da minha vida está a caminhar para o seu final...

Não te posso responder quando perguntas o que existe de especial fora desta casa para que seja necessário sair de forma a ganhar inspiração. É algo íntimo e pessoal.

Pensando melhor... Acho que a tua persistência em dialogar comigo deve ser recompensada de alguma forma, por isso, dou-te autorização para me seguires quando eu sentir mais algum chamamento. Arranja forma de eu não te ver, caso contrário, não responderei pelos meus actos...

*

Um vulto desloca-se suavemente numa noite fria e ventosa. Deixando para trás uma porta de metal, encara a noite de forma cautelosa, mas também de forma curiosa e atenta, enquanto se vai deslocando pelo passeio das ruas da cidade. O vento encarrega-se de fazer esvoaçar a sua capa e cabelos enquanto levanta do chão as pequenas folhas restantes da queda outonal.

Apresso o passo para tentar não o perder de vista quando ele contorna a esquina de um prédio antigo e degradado. Parece que as gárgulas desde prédio dirigem o seu olhar frio como a pedra na minha direcção, tentando avisar-me dos perigos que corro. Resolvo não ligar e prossigo em perseguição do ser que gera em mim um misto de admiração e curiosidade.

Avisto-o de novo, no preciso momento em que muda de direcção, começando a dirigir-se para uma zona da cidade que conheço mais mal. Preciso de me aproximar mais...

Ele prossegue, nunca deixando de prestar atenção a tudo o que o rodeia, mas dando a entender, pela sua naturalidade, que conhece extremamente bem esta zona. Pára em frente a outro prédio antigo. Deixa-se ficar um pouco e olha com atenção para a fachada do prédio até que o vejo acariciar suavemente a parede antes de olhar os céus e voltar a seguir o seu caminho.

Deixo-o afastar-se um pouco para poder espreitar qual foi o prédio que o fez parar: uma biblioteca. Porque será que parou aqui? Será que foi este relevo do deus Heimdall que ele tocou? Que significado pode ter este deus para ele?

Já se está a afastar de novo. Tenho de correr um pouco. Ali está ele, sempre numa pose muito distinta, aparentando algo de único, mas também de familiar...

Encaminha-se para um jardim até que, finalmente, pára e senta-se num banco de madeira. Estica os braços em direcção aos céus fechando as mãos com força como se quisesse apoderar-se das estrelas. Os pontos brilhantes não se deixam aprisionar facilmente...

Escondo-me atrás de uns arbustos e, com ajuda da luz do candeeiro, vejo-o esfregar os olhos e bater com as mãos na cabeça. Parece estar a perder a calma. Talvez esteja nervoso...

Passa algum tempo e eu aproveito para me aproximar pé ante pé - preciso de distinguir nitidamente a sua face para esclarecer de uma vez por todas a origem da sua familiaridade. Aproveitando o esconderijo que os arbustos típicos de jardim me proporcionam chego finalmente a uma zona suficientemente próxima do

banco. No entanto o ocupante do banco agora está com a cabeça baixa e com as mãos nos olhos, não me permitindo distinguir as suas feições.

A chuva começa a cair, e em passo de corrida, vão saindo todos os presentes no jardim, excepto a figura e, por teimosia, eu próprio. Os despojos do céu vão caindo e eu, mesmo ensopado, recuso a sair do meu sítio; tenho necessidade de descobrir o que se vai passar aqui!

Mesmo com a chuva a bater na sua cabeça e na sua capa sem dar tréguas, ele mantém-se na mesma posição desconfortável há muito tempo, parece que está a dormir ou, quem sabe, dominado por algum transe. Esperará alguém?

Algumas horas depois, quando já pensava em desistir da perseguição e voltar à minha vida calma e monótona, eis que vejo uma segunda figura, vestindo um sobretudo e empunhando um chapéu-de-chuva enorme, aproximar-se vagarosamente do banco. Neste momento a figura sentada levanta a cara para cumprimentar quem acabou de chegar e, finalmente consigo distinguir nitidamente a sua face! Para meu espanto conheço-o, já o tinha visto nos jornais! É o Sr. Eduardo Sousa o jovem, se bem que agora alguns anos mais velho, que ganhou o prémio Nobel da literatura aos 18 anos com o seu primeiro e único livro e, sem mais nem menos, desapareceu pouco tempo depois. Bem me parecia que a sua figura me era familiar. O que o terá feito deixar tudo para trás e refugiar-se numa cave de um prédio?

As duas figuras dialogam, mas torna-se para mim difícil compreendê-los, pois apenas consigo captar algumas palavras/frases soltas: "Fugiste... Perto de mim... Inspiração... Abandono... ". Neste momento o prémio Nobel da literatura levanta-se e eleva a voz:

- Será assim tão difícil entender a importância da minha tarefa?

- Sim. Devias admitir que foi por cobardia que te afastaste de tudo e de todos...

Neste momento, ainda vermelho de raiva, Eduardo tira a sua navalha do bolso e aproxima-a rapidamente do pescoço da figura do chapéu-de-chuva. Antes que esta tenha tempo para dizer algo ou fazer sequer um gesto defensivo, ele traça um golpe profundo e preciso, fazendo com que o sangue jorre enquanto a figura, de olhos esbugalhados, perde a vida sem realmente perceber o que se passou.

- Pensa que vais fazer parte de algo mais importante do que tu ou eu... - diz Eduardo ao mesmo tempo que levanta a navalha e contempla, à luz do candeeiro, o sangue escorrendo num fio vermelho escuro...

Não sei se com medo que o sangue seque, corre que nem um louco, penso que em direcção ao seu covil.

*

Escrevo com uma inspiração incomparável! É incrível a sensação que toma conta de mim e me leva a escrever de forma tão profunda. A escrita flui com nunca antes e os golpes seguem-se uns aos outros a um ritmo alucinante...

No momento em que a inspiração começa a abandonar-me a pouco e pouco, sinto que o tempo para o capítulo final está mesmo a chegar...

Sim, a última personagem da minha obra-prima tem de ser a minha pessoa. Claro, só posso ser mesmo eu a servir de mote para o final desta história trágica.

Tiro a navalha do bolso e aproximo-a do pescoço. O aço frio não provoca dor, origina uma consciência e inspiração fora do comum que me permitem, finalmente, escrever as últimas linhas da minha obra. Com gestos lentos e suaves, traço na parede as últimas palavras da minha vida até cair e me apagar...

*

Mesmo com medo, resolvo encaminhar-me para a cave onde conheci quem agora sei que é Eduardo. À medida que me aproximo, o nascer do dia envolve, com a sua aurora renovadora, a minha existência e tudo aquilo que me rodeia.

Finalmente chego, mas resolvo não entrar e sim espreitar pela janela que tem a manta. Retiro-a cuidadosamente, libertando os seus nós intrincados das grades para, com a ajuda da luz matinal que invade a cave pela primeira vez em muitos anos, me deparar com um cenário dantesco: uma parede totalmente rabiscada de sangue e Eduardo estendido no chão evaporando-se-lhe a vida. Da navalha que a sua mão direita segura escorrem três pingos vermelhos: as reticências finais da sua obra-prima.